

# O OLHAR FEZ A DIFERENÇA



MARIA ANTONIA SABADIN PICCINI

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	02
HISTÓRICO DO LEO .....	04
QUEIXAS DOS PROFESSORES .....	05
EM FIM UM OLHAR .....	06
CONCLUSÃO .....	13

## INTRODUÇÃO

O livro conta a história baseada na vida real de um aluno com dificuldades de aprendizagem, que não conseguia se alfabetizar, só passava de ano e nada de ler.

Filho de mãe solteira. Convivia com os avós paternos, um tio e dois irmãos menores que cursavam o segundo ano e todos analfabetos.

A família muito humilde, a mãe trabalhava num restaurante e os avós recebiam o benefício da aposentadoria. Viviam com dificuldades e recebiam ajuda de pessoas solidárias.

Os filhos frequentavam a escola comum e segundo os professores apresentavam dificuldades na aprendizagem.

O Leo ao ingressar no 5º ano teve uma educadora com um olhar diferente, se reuniu

com a direção, e professores que atuavam com o aluno e resolveram buscar o Atendimento Educacional Especializado onde o educando frequentava o AEE duas vezes por semana e também recebia atendimento psicológico.

Após um ano e meio no atendimento o aluno conseguiu se alfabetizar e ajudar aos irmãos e a mãe na leitura das correspondências.

O educando foi bem sucedido porque houve o engajamento de todos os envolvidos, foram feitas as adaptações curriculares, o Plano Individualizado de Atendimento e reuniões semestrais na Escola Regular com troca de pareceres contemplando o rendimento escolar do educando.



## HISTÓRICO DO LEO

Menino de dez anos, filho de mãe solteira, tinha dois irmãos gêmeos, com 8 anos, moravam com os avós maternos, a mãe trabalhava num restaurante e ninguém lia.



Leo não conhecia o pai. Frequentava o 5º ano na Escola Regular de Ensino. Para ir à escola dependia do transporte escolar. Ele era muito amigo do motorista. Ajudava-o sempre que houvesse necessidade. Apesar de ser um educando afetivo, prestativo, educado e esforçado, ele não conseguia se alfabetizar. O meio familiar era composto por pessoas analfabetas.

## QUEIXAS DOS PROFESSORES

Muitas eram as queixas dos professores da Escola Comum em relação ao educando. Vou enumerar algumas:

- Não acompanha a turma.
- Copia errado do quadro.
- Não consegue ler.
- Brinca durante a aula.
- Não faz o tema e nem participa.

## EM FIM UM OLHAR

Diante da realidade do educando, como ele iria se interessar pelo estudo, se no meio familiar não era dado o devido valor ao estudo?

Ninguém o ajudava e o estimulava a crescer e gostar de estudar. A família pouco se empenhava para o seu progresso.

O acompanhamento da família é de fundamental importância na construção da aprendizagem do aluno.

Até que um dia uma luz brilhou.

Uma educadora da Escola Comum reuniu gestores, a mãe e os colegas e juntos



decidiram encaminhar o educando para uma avaliação psicológica e pedagógica.

Após, os diagnósticos, ficou combinado que ele receberia o AEE duas vezes por semana, nas segundas-feiras e nas terças-feiras, das treze horas às dezesseis horas no turno inverso da escola regular.

Leo iniciou o Atendimento Educacional Especializado, chegava sempre contente,





relatando tudo o que havia acontecido e aprendido na sala de aula da escola comum. Havia formado um bom vínculo afetivo com a professora. Era assíduo, realizava as atividades com interesse, atenção e muito prestativo, sempre que a professora precisasse de ajuda ele se oferecia.



Os professores escola comum receberam orientações do profissional do AEE para fazer o Plano Individualizado de Educação e as adaptações necessárias. Colocaram em prática as orientações recebidas.

Leo ia evoluindo e mudando o comportamento, participava mais das atividades.

Os vínculos com os professores e o educando foram se tornando mais estreitos e afetivos, isto viabilizou a construção de sua aprendizagem.

O tempo foi passando, a família fazendo sua parte, a escola comum abraçou a causa e o atendimento Educacional Especializado ia acontecendo e o educando evoluindo.

Chegou o momento da primeira avaliação do rendimento escolar. Os profissionais se reuniram e registraram que o educando estava tendo significativos avanços em todas as áreas do conhecimento e se encaminhando para o nível alfabético.

Então podemos dizer: "profissionais envolvidos, progressos conseguidos".

O educando progredia cada vez mais, até que um dia deu o estalo, começou a ler, foi a maior alegria. Retirava livros, passou a ler muito e desenvolveu o gosto pela leitura. Lia textos e fazia pesquisas na internet.

Os irmãos disseram que haviam levado para a mãe, um bilhete enviado pela escola comum. Como ninguém sabia ler, sabem quem leu? O Leo leu o bilhete.



Os AEEs foram se sucedendo, o educando sendo sempre assíduo, se esforçando e os profissionais envolvidos se reunindo e avaliando, até que chegou o grande dia.

O Educando recebeu alta.

Os atendimentos duraram dois anos.

Diante do caso Leo, podemos dizer: que ele encontrou pessoas que olharam, apostaram, se dedicaram e isto fez a diferença na construção de sua aprendizagem.



## CONCLUSÃO

O caso do Educando Leo apresenta uma história de vida de uma criança pobre, que vivia numa família onde ninguém era alfabetizado, o estudo não era tão significativo e portanto não tinha o acompanhamento, o incentivo e ajuda nas atividades de casa. Tudo isso contribuiu para o atraso na construção de sua aprendizagem.

Leo teve sorte, pois o olhar da professora, a avaliação, o diagnóstico dos profissionais envolvidos, o trabalho em equipe, o PIE, as adaptações escolares e o engajamento de todos os envolvidos, inclusive a família, contribuíram para sucesso no ensino-aprendizagem.

Portanto, a escola pode se tornar a salvação ou a destruição do educando, depende do olhar, do trabalho dos profissionais e dos gestores envolvidos.

Podemos dizer que a inclusão acontece quando todos os envolvidos abraçam a causa. Se não fizerem isso, o educando está incluído na escola, mas não no processo ensino – aprendizagem.